

## CONTRIBUIÇÕES DA AD PARA OS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DO CONCEITO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

José Carlos Leandro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo propõe apresentar o estabelecimento de relações o mais estreitas possível entre as condições de produção e as determinantes ideológicas constitutivas das formações discursivas (FD) na apresentação das teorias linguísticas. Dessa forma, com base em Pêcheux e outros teóricos da Análise do Discurso, podemos inferir dentro da complexidade da apresentação das teorias aquilo que pode e deve ser dito numa certa posição em que o sujeito estar inscrito em uma FD específica em relação à outra existente (PÊCHEUX, 1969). Ou seja, a ideologia nos interpela e se projeta em uma FD a partir das materialidades linguísticas que são condicionadas pela formação social que estão inseridas. Nesse sentido, podemos analisar com mais detalhes como as construções se estruturam no conjunto das significações além das palavras inseridas em posição diferente em dada formação discursiva relacionadas com a apresentação das principais teorias linguísticas.

**Palavras-chave:** Discurso; formação discursiva; teorias linguísticas-epistemologia.

**Abstract:** This present study proposes the establishment of relations between close as possible the conditions of production and the constitutive ideological determinants of discursive formations (FD) in the presentation of linguistic theories. Thus, based on Pêcheux and other theorists of discourse analysis, we can infer within the complexity of the presentation of theories what can and should be said in a certain position in which the subject is enrolled in a specific FD in relation to other existing (PÊCHEUX, 1969). Ie, the ideology challenges us and protrudes in a FD from materiality of language that are conditioned by the social formation which they operate. Hence, we examine in more detail how the buildings are structured in the set of meanings beyond words inserted in a different position in a given discursive formation related to the presentation of the main linguistic theories.

**Keywords:** Speech; training discursive; epistemology-linguistic theories.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela UFPE. E-mail: jleandrus@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Em *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, Jean Starobinski analisa a pesquisa de Saussure sobre os anagramas, que se realizou, provavelmente, entre os anos de 1906 a 1909. *O Curso de Linguística Geral*, obra editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, foi publicado em 1916, três anos após o falecimento de Saussure. Bally e Sechehaye compuseram o *Curso de Linguística Geral* com base em anotações feitas por um dos alunos de Saussure, em três cursos que ele ministrou em Genebra, entre 1906 e 1911. *Os Escritos de Linguística Geral*, trazendo o pensamento saussuriano como foi deixado por ele mesmo. A edição foi organizada por Simon Bouquet, a partir da descoberta, em 1996, de novos manuscritos saussurianos, em hotel da

## Introdução

Outras correntes teóricas perceberam nos pressupostos saussurianos um prolongamento de suas postulações, a exemplo da psicologia da linguagem ao buscar superar a dicotomia pensamento X linguagem. A perspectiva da linguística saussuriana vai encontrar, em primeiro plano, na forma linguística a imanência do sentido da linguagem (cf. Merleau-Ponty). Na sociologia de base durkheimiana (conceito de língua e consciência coletiva), Saussure apresenta um conceito novo, possivelmente ampliado, de significante global para compreender o que os sociólogos denominavam de espaço social. Nesse aspecto, o genebrino categorizava o conceito de maneira homogênea e fechada, recobrando-o com a metodologia de análise científica vigente. Enfim, Saussure oferece uma categoria analítica mais ampla para as ciências humanas possibilitarem uma exploração mais detalhada de seus objetos.

Pêcheux, através de seu texto “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, datado de 1971, em coautoria com Haroche e Henry, já propunha o estabelecimento de uma atitude dialogal com os pressupostos de Saussure em relação a tomada de posição do estatuto científico da linguagem. O estudo contemplava abordagens nos campos da fonologia, sintaxe, morfologia e semântica. Contudo, com a intencionalidade de aprofundar os estudos em torno da Análise do Discurso, ele direcionou seus questionamentos na semântica, pois ela possuía uma relação mais próxima com a percepção dos sentidos.

Nesse aspecto, o presente estudo propõe, em breves considerações, o estabelecimento de relações o mais estreitas possível entre as condições de produção e as determinantes ideológicas constitutivas das formações discursivas (FD) na apresentação das teorias linguísticas. Dessa forma, com base em Pêcheux, podemos inferir dentro da complexidade da apresentação das teorias aquilo que pode e deve ser dito numa certa posição em que o sujeito estar inscrito em uma FD específica em relação a outra existente (PÊCHEUX, 1969). Ou seja, a ideologia nos interpela e se projeta em uma FD a partir das materialidades linguísticas que condiciona a formação social. Dessa forma, o contexto sócio histórico das formações discursivas está relacionado com um *continuum* entre a formação social e as condições

sociais, pois para Pêcheux, “as palavras, expressões, recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem” (PÊCHEUX, 1998, p. 263). Instaura-se, assim, a conversão dos indivíduos em sujeitos falantes, sujeitos de seu discurso a partir da inscrição em FD representante de uma dada formação ideológica que corresponda [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (PÊCHEUX, 1997, p.214).

Veremos, em linhas gerais, a partir da análise da apresentação do livro “Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos” (MUSSALIM, 2009) de que maneira ocorreu o deslocamento dos pressupostos da Análise do Discurso de tradição *pecheutiana* e as principais correntes teóricas, com ênfase na perspectiva científica do estudo da língua e na busca da especificidade conceitual de sujeito e sentido em movimento. Assim, podemos analisar com mais detalhes como as construções se estruturam no conjunto das significações além das palavras inseridas em posição diferente em dada formação discursiva.

### Questões saussurianas

Hjelmslev irá propor que há uma relação de contiguidade entre sistema e processo. Nesse sentido, existe subjacente um valor epistemológico com bases consistentes e uma coerência interna em seus argumentos. Entretanto, a análise dos fatos linguísticos se articula nos micro níveis de expressão em razão da multiplicidade expressiva presente nas relações dos falantes.

Os pressupostos analíticos saussurianos tiveram, em certos aspectos, um provável prolongamento no itinerário de algumas disciplinas que tratam das multiplicidades de fenômenos das ciências humanas. Um exemplo dessa interlocução se refere às influências dos postulados de Saussure que são estendidos as análises do objeto social, especificamente na órbita conceitual do que define por “ordem pensada”, a “ordem vivida. Uma das marcas visíveis dessa presença saussuriana está nas diferenças terminológicas escolhidas pelos teóricos que investigam o fenômeno social, a exemplo de Lévi-Strauss (inconsciente coletivo), Merleau-Ponty o (*espaço social*).

Saussure ao tratar o sistema linguístico, o qual pressupõe certo processo, como realidade objetivável no emaranhado das relações sociais, possibilitou a tomada de consciência de diversos teóricos de que é plenamente possível construir uma delimitação teórica e própria para tratar dos fenômenos que se manifestam em lócus diversos, pois, a



realidade social é organizada em diferentes níveis estruturais que são percebidos por diferentes sistemas, seja o capitalista (cf. Karl Marx), seja a partir do linguístico (Saussure).

Então, a língua pode fornecer mais do que pistas para compreender o fenômeno social em sua globalidade. Segundo os estudos de Saussure, ela é constitutiva dessa mesma realidade social. Ela é, ao mesmo tempo, objeto e realidade de determinada cultura. Defendemos, neste breve estudo, a exemplo da metodologia empregada por Saussure, que pode coexistir vários métodos de análises diante do mesmo fenômeno sem que se apresentem como contraditórios ou excludentes. Por exemplo, a partir do método estruturalista, o conceito de significante linguístico pode descrever objetos tão vastos no campo dos estudos simbólicos e sociais.

Parece-nos que a ideia de conjuntos estruturados é que valida a unidade funcional do significante linguístico apresentado por Saussure. A homogeneidade que lhe é peculiar está presente em seus processos de manifestações no nível da ordem vivida, ou seja, da autonomia elaborada em certos conjuntos sociais estruturados. O conjunto significante criaria, nesse sentido, uma estrutura específica dentro de determinado conjunto um sistema semiológico próprio que pode ser guiado por uma determinada análise autônoma e independente de significação global, conforme Hjelmslev propunha.

Alguns estudiosos, a exemplo de R. Jakobson, compreenderam que as duas perspectivas (estrutural e histórica) possuem pontos de convergência quanto aos objetivos de apreender o fenômeno linguístico em suas variadas manifestações. Ou seja, não se pode, a priori, prescindir do aspecto histórico para entender o desenvolvimento da estrutura da língua. Ela possui uma forma apreendida num longo processo de estruturação. Enfim, acreditamos que as funções exercidas pela língua estão situadas numa estruturação histórica de formas relativamente consolidadas. A relação de interpenetração metodológica entre as abordagens estruturais e históricas mostram que há possibilidades de intersecção nos respectivos quadros epistemológicos. Ou seja, tanto a consideração por parte dos estruturalistas do devir histórico da língua como ponto de partida para as análises, bem como instigar os pesquisadores a compreenderem as possíveis contribuições do método caracterizado como estrutural para as concepções dinâmicas da linguagem.

### **Saussure e a Filosofia da Linguística**

Entendemos que Filosofia da Linguística, enquanto modo de acompanhar criticamente o trabalho do linguista, não pode prescindir da contribuição da Filosofia da Ciência, como instrumento analítico do fazer de todo e qualquer pesquisador em qualquer área do conhecimento. Sabemos que, por sua vez, o estudo da Filosofia da Ciência leva em conta os achados da História da Ciência, a fim de não normatizar rigorosamente a análise pautada pela Filosofia da Ciência em sua tarefa de desvelar os avanços e recuos que uma determinada ciência realizou.

Um exemplo da relevância da inserção da Filosofia da Ciência nos problemas linguísticos no processamento da análise de teorias, como o Estruturalismo desenvolvido por Saussure na Europa, especificamente na França e na Suíça, é a presença da mesma corrente efetuada nos Estados Unidos. Enquanto o Estruturalismo de base dicotômica e universalista predominou na Europa, a corrente de mesmo nome focou a descrição fonética, morfológica e sintática de línguas indígenas ou em extinção na América do Norte, particularizando assim as descobertas linguísticas como fenômenos presentes em cada uma das línguas, fenômenos que, inclusive, poderia não se repetir em outras. À Filosofia da Ciência cabe oferecer as motivações externas que levaram os estudiosos da linguagem nos diferentes continentes a escolher uma perspectiva do Estruturalismo e desenvolvê-la mais que outras. À Filosofia da Linguística cabe justificar quais os rebatimentos que tais escolhas teóricas por um determinado modo de fazer pesquisas estruturalistas tiveram para os estudos da linguagem de um modo geral.

Dessa forma, compreendemos a Filosofia da Linguística como uma disciplina que se ocupa hoje de tais questionamentos. Compreendemos a Filosofia da Linguística como um ramo da Filosofia da Ciência voltado especificamente à análise da Linguística e de “suas teorias, cabendo-lhes investigar as formas de obtenção do conhecimento fundamentado sobre a linguagem humana que os linguistas, no mundo real, utilizam” (NETO, 2004, p.8).

Buscamos apresentar um conjunto articulado de argumentos que possibilitam uma melhor compreensão das principais teorias que emergiram ao longo da história dos estudos da linguagem, principalmente depois do reconhecimento da Linguística como “ciência piloto das ciências humanas”, no século XX, em decorrência da publicação do Curso de Linguística Geral pelos alunos e discípulos de Ferdinand Saussure<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Em *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, Jean Starobinski analisa a pesquisa de Saussure sobre os anagramas, que se realizou, provavelmente, entre os anos de 1906 a 1909. *O Curso de Linguística Geral*, obra editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, foi publicado em 1916, três anos após o falecimento de Saussure. Bally e Sechehaye compuseram o *Curso de Linguística Geral* com base em anotações

Por essa razão, escolhemos como teoria-guia deste estudo a Filosofia da Linguística para assim poder historiar a chegada e os reflexos das teorias linguísticas para se estabelecer o movimento de mudanças ocorridas e vislumbrar interpretações explicativas para notáveis avanços e lamentáveis recuos em torno do fenômeno língua ao longo dos séculos XX e XXI. Uma das questões desafiadoras que se apresentam em nossos dias é revelada a partir da multiplicidade das abordagens teóricas. Ela possibilita enxergarmos dois momentos: um de riqueza das abordagens e outro de certa fragmentariedade.

Nesse sentido, a escrita de manuais constitui um modo específico de produzir e difundir conhecimentos entre iniciantes e curiosos por dar os primeiros passos em direção a uma determinada área das diversas ciências. Acreditamos haver uma lacuna de informação sobre o papel que este tipo de publicação tem feito para a ampliação do interesse de mais e mais jovens pesquisadores pelos estudos da linguagem.

Entendemos que, historicamente, o conhecimento científico questionou justamente a ideia de verdades adquiridas *ad infinitum*, e por isso multiplicam-se hoje no interior das ciências as possibilidades de variação das perspectivas sobre o real, além do que se possa sustentar a ideia de um progresso no conhecimento. Assim, assumimos a ideia de que a história da ciência não pode mais ser vista como um processo de acumulação de conhecimentos como quer fazer crer a metáfora do muro do conhecimento. Pelo contrário, o conhecimento parece ser constituído por diversos saltos e rupturas como defendeu Kuhn (1992).

A Linguística não escapa a este funcionamento científico. E não apenas a Linguística, mas as demais ciências humanas apresentam dificuldades para aplicar o método científico que exige objetividade, previsibilidade e universalidade dos resultados obtidos a partir de um mesmo conjunto de procedimentos metodológicos para, só assim, validar uma determinada teoria. Essas ciências não gozam de uma possível uniformidade nos procedimentos que regulariam suas atividades investigativas.

Será possível extrair da análise dos manuais as razões que justifiquem a saliência de um determinado viés de estudo em torno da língua. Em outras palavras, urge saber se e como os Manuais de Introdução à Linguística influenciam a visão de linguagem que predomina na academia por um determinado período da história dos estudos da linguagem. Cumpre também

---

feitas por um dos alunos de Saussure, em três cursos que ele ministrou em Genebra, entre 1906 e 1911.-*Os Escritos de Linguística Geral*, trazendo o pensamento saussuriano como foi deixado por ele mesmo. A edição foi organizada por Simon Bouquet, a partir da descoberta, em 1996, de novos manuscritos saussurianos, em hotel da família de Saussure, em Genebra.

descobrir se a prática pedagógica de alguns professores, indicando e partindo da perspectiva de ciência e o modelo teórico de maior prestígio eleito pelos autores dos manuais, interfere na escolha de determinadas teorias da moda pelos estudantes, futuros pesquisadores, no desenvolvimento de seus projetos de pesquisa na área. No caso da teoria saussuriana, o debate em torno da natureza do método e do objeto da linguística podem suscitar uma sofisticação interna entre os pesquisadores.

Em se tratando dos pressupostos de Saussure, verificamos que os desvios exegeticos que a maioria dos pesquisadores na contemporaneidade tem dos principais postulados do mestre genebrino necessitam ser revisitados, a fim de lhe possibilitar uma compreensão mais pertinente em relação ao pensamento saussuriano. As inferências feitas a partir das pesquisas de Saussure, veiculadas de maneiras não tão fidedignas no CLG, vieram a apresentar um Saussure centrado e isolado numa discussão sobre a natureza da linguagem de uma forma ortodoxa. Isso está mudando na atualidade. Nesse sentido, temos a necessidade de fomentar as respostas numa variedade de métodos para buscam responder as questões que nortearam a fundamentação do estatuto científico da linguística. Ao procurar as razões profundas que fizeram e, ainda hoje, fazem da linguística uma ciência, os estudiosos estabelecem perguntas-chaves que nortearam seus caminhos de pesquisa. Procuraram um modo de filosofar a linguagem de uma ordem específica e própria. Nessa esteira de reflexão, acreditamos que não se faz necessário a institucionalização de mais uma disciplina no rol dos cursos de linguística. Contudo, é necessário que busquemos inserir a fundamentação teórica nos procedimentos mais elementares das análises dos corpora linguísticos, pois, às vezes, ficamos muito restritos à opinião de nossos pressupostos à revelia de seus sentidos mais profundos. Será que podemos separar as indagações que as diversas abordagens linguísticas possuem de uma sistematização filosófica vinculada às questões da linguagem? Acreditamos que sim. O momento de fazer questionamentos é uma ocasião privilegiada de filosofar, sem, contudo haver a exigência epistemológica de se pontuar que se está aplicando algum tipo de filosofia.

Quando Saussure questionou a linguagem, mesmo se limitando a primazia da língua, como alguns críticos afirmam, ele apresentou um esboço filosófico em torno de algo que era encarado naturalmente com uma metodologia baseada em questionamentos profundos. Ao buscarmos analisar as teorias linguísticas contemporâneas, verificamos, em linhas gerais, que algumas questões fundamentais da teoria saussuriana fazem parte em seu percurso. É neste espaço de confluência teórica que podemos compreender as (re) leituras de Saussure, as quais instauram espaços de entendimento de novas abordagens (LOPES, 1997, p. 52). Quando se



discute qual visão é predominante não se está excluindo as percepções extraídas e/ou sentidas das demais. O pesquisador apenas faz uma seleção a partir das escolhas prévias (relação objeto & teoria). A história da ciência tem nos revelado que os prováveis “dissensos” são na verdade modos de expressão contingenciados por pressupostos delimitados pelos sujeitos. Revela, de certa forma, que não há um caminho exclusivo de expressão da ciência em sua busca pela universalidade conceitual. Há (des)caminhos: ora se entrecruzam, ora se afastam. Em quais aspectos podemos inferir que existe um “mundo ético” na convivência nem sempre harmônica das abordagens que procuram estudar a linguagem em suas variadas manifestações. É um aspecto a ser perscrutado pelos pesquisadores dos estudos da linguagem. Postulações da linguística saussuriana nos serviram e servirão para construção de inúmeras vertentes linguísticas (a exemplo de Benveniste, Bakhtin, e também teóricos da Análise do Discurso). Sendo este fazer científico tão necessário a:

nós, os humanos, (pois) não podem crescer viver e envelhecer sem instituir um *tempo*, sem fragmentar, pautar e contabilizar seu devir e seu passar, não sabemos deixar transcorrer nossa vida sem nomear, sequenciar, ordenar e esclarecer o sentido do que passa e do que existe, do que permanece e do que se desvanece; não desejamos viver sem especificar o indivíduo próprio e o alheio, o que nos une e nos separa o que nos diferencia e nos iguala (PLACER, 2001, p.82).

Dessa forma, partindo do pressuposto saussuriano entendemos que nas questões analíticas e metodológicas são constitutivas do objeto de estudo. Será por intermédio das indagações que tanto o objeto, quanto os princípios norteadores da teoria possuem eixos de articulações que estão imbricados numa rede de relações conduzidas por certa maneira de tratar o estudo desse mesmo objeto. Faz-se necessário citar que o percurso histórico das teorias está relacionado com as reavaliações feitas e com a interlocução com outros teóricos que venham a contribuir para a evolução daquilo que se está problematizando. Assim o fez Saussure ao estabelecer uma relação conceitual entre o signo linguístico e as principais ideias da Filologia situada no século XIX para a identificação da disciplina linguística.

### **Reflexões iniciais sobre os traços da ideologia nos discursos**

As ideologias não se constituem em categorias arbitrárias. Segundo Gramsci, elas são orgânicas e historicamente necessárias para a convivência em sociedade. Numa determinada formação social, as ideologias desempenham uma função específica, deslocando e ocultando as contradições reais de uma sociedade. As ideologias têm, segundo a abordagem

de Louis Althusser, uma existência material em instituições: os aparelhos ideológicos do estado funcionam como espaço privilegiado dessa manifestação. Nesse sentido a formação ideológica é constituída por um complexo conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se reportam a posições de classes em conflito. Nesse aspecto, compreendemos que as formações ideológicas comportam uma ou mais formações discursivas: o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em uma dada conjuntura, assumindo, dessa forma, a linguagem como um produto construído por interações sociais específicas.

Na linha do pensamento de Foucault, as condições de possibilidade discursivas estão inscritas no próprio discurso. Ele é expresso pelo seu próprio produto. O campo de configuração do discurso (mutações do discurso; passagem de uma forma enunciativa para outra, etc.) resulta naquilo que Foucault chama de formações discursivas. São as condições de possibilidade dos discursos, mediados pelos seus enunciados, inseridos num contexto partilhado pelos falantes que estruturam a comunicação em determinada formação discursiva.

Na perspectiva da análise do discurso, a língua tem um funcionamento parcialmente autônomo, não estando o sentido submetido à ordem da língua. O sentido é apresentado como inerente ao funcionamento da ordem das formações discursivas as quais materializam formações ideológicas. Nesse aspecto, compreendemos que a língua não é transparente, mas é guiada por uma ordem própria que é descrita pela linguística. Assim, o sentido é o fio condutor dos estudos da Análise do Discurso. Ele é decorrente das enunciações, as quais se caracterizam por atos que se dão no interior das formações discursivas que determinam o sentido do que se diz ou se pretende dizer. Como o sentido não é estanque ou impermeabilizado, a pretensão à universalidade e a generalidade estão excluídas. É concebido numa dimensão de produtor de efeitos (tensão entre abertura e contenção de sentidos), mais do que uma decodificação imanente nas discursividades. A análise do discurso dará mais relevo ao que em um evento se repete, eventualmente durante décadas, do que aquilo que é característico da circunstância. Ela coloca a questão das representações imaginárias que são resultantes de um processo social, ideológico.

### **Um percurso teórico sobre os discursos**

Segundo Orlandi (1986, p.16), “essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria do discurso: uma que a entende como extensão da Linguística



(que corresponderia à perspectiva americana) e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna da Linguística, principalmente na área semântica. Assim, a tendência europeia, partindo de ‘uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer’ coloca a exterioridade como marca fundamental e exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta da análise das unidades mais complexas da linguagem”. Jean Dubois e Michel Pêcheux estão ligados ao marxismo e à política em suas análises sobre o discurso. Para Dubois existe uma continuidade natural entre a Análise do Discurso e a Linguística, a qual possibilita colocar um modelo sociológico a serviço da enunciação – conceito retirado de Benveniste e Jakobson.

Já Pêcheux era filósofo, ligado a Althusser, e estava voltado a discutir epistemologia das ciências em um momento em que a Linguística estava em crise em seus fundamentos epistemológicos. A perspectiva de Pêcheux foi pensada tendo como foco inicial uma negação e uma superação do gesto separador de Saussure entre a langue e a parole. Pêcheux, pela via de Althusser, vai propor uma teoria não subjetiva do discurso. Não há, portanto, segundo seus pressupostos, sujeitos individuais no(s) discurso(s).

Alguns pensadores estão associados ao desenvolvimento da análise do discurso na chamada escola francesa: Althusser com a sua releitura das teses marxistas; Foucault com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas). Bakhtin vai trabalhar o fundamento dialógico da linguagem.

Pêcheux propôs que um quadro epistemológico (1975) reside “na articulação de três regiões” de conhecimentos científicos: (a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; (b) a linguística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; (c) a teoria do discurso como determinação histórica dos processos semânticos. Louis Althusser, a partir de seus pressupostos marxistas, vai analisar o modo de produção da vida material e sua relação com o desenvolvimento da vida social, política, intelectual de uma sociedade. Assim, segundo sua abordagem, a economia determina em última instância uma formação social. A partir da base econômica, surgem as classes, no interior das quais há relações de dominância. Por isso, o fator determinante na História é a produção e a reprodução da vida material. Para Althusser, uma ideologia não é uma “falsa consciência”

(como Marx propunha), mas a maneira pela quais os homens vivem as relações com suas condições materiais de existência perpassando vários setores da convivência social.

### **Análise de Corpus: breves percursos sobre os Manuais de Introdução à Linguística**

Com o objetivo de inferirmos, como assinalamos anteriormente, em linhas gerais, uma análise inicial sobre a apresentação do conhecimento científico presente nos Manuais de Linguísticas, tomamos por base o Livro “Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs); Cortez Editora; 4ª edição; vol.3; 2009”. Verificamos também outros manuais que introduziam os estudantes de graduação no campo de estudo das Letras. Optamos por Mussalim & Bentes por apresentarem um percurso que possibilite um aprofundamento dos pressupostos teóricos assumidos no presente trabalho.

O texto de Mussalim & Bentes insere os estudantes numa visão panorâmica das diversas perspectivas que fazem perceber a dimensão do estudo das linguagens no campo da ciência. Como o campo da pesquisa possui uma variedade conceitual ampla, os autores explicitam que há a diferenciação entre os programas de investigação científica e outras orientações teórico-metodológicas. Inferimos que essa provável “divergência”, com base nos pressupostos da AD, faz parte da inscrição de determinada formação ideológica presente ao longo da história dos ambientes acadêmicos. Nesse sentido, o ambiente de disputa vai estruturando bases epistemológicas mais recorrentes, possibilitando aos programas organizarem seus currículos, ou melhor, seus discursos, num emaranhado de perspectivas específicas que as tornam semelhantes.

Entre os objetivos propostos pelo livro está o aprofundamento das diferenças entre os programas. Algo relevante para destacar na apresentação da Obra se refere ao valor histórico de cada programa. Como o processo de organização de certo conjunto de conhecimentos não acontece de forma harmônica, mas segue um movimento em que a heterogeneidade é marca constitutiva, acreditamos que as discussões pecheutianas, além de outras teóricas da AD, oferecem pressupostos para a compreensão do fenômeno linguístico em suas múltiplas manifestações. Ou seja, as marcas das diferenças teóricas significam a presença de traços que delimitam os discursos em formações discursivas específicas. Elas acontecem no interior de cada programa/orientação, mas se relacionam em vários aspectos com outras áreas e programas correlatos. O paradigma científico dominante conduz as escolhas dos programas e

insere os pesquisadores em formações ideológicas conduzidas por pressupostos específicos. As permanências e seleções das divergências internas nos paradigmas científicos presentes no manual remetem o leitor para discussões em torno dos aspectos constitutivos de cada teoria inserida em determinadas correntes teóricas. Nesse sentido, buscará o conjunto dos textos problematizarem diversas questões que circulam nas discussões epistemológicas do fenômeno linguístico. Entre os diversos aspectos considerados no manual, a heterogeneidade das teorias é uma marca dos programas e das orientações teórico-metodológico do saber científico contemporâneo. Uma marca relevante presente nas reflexões teóricas do manual se relaciona com os consensos presentes nas complexidades analíticas das teorias científicas. Inclusive, as possíveis diferenças teóricas assinalam certa qualidade dos antagonismos teóricos explicitados. Ou seja, para se compreender determinada perspectiva tem-se a necessidade de estruturar uma relação contrastiva com as demais formas de compreensão. Aliás, a produção do conhecimento científico dá-se, preferencialmente, por metodologias de contrastes. Entretanto, a dialogicidade inerente aos textos mostra que existe a possibilidade de que há caminhos a serem percorridos em busca dos sentidos pretendidos para cada corrente teórica. As tensões nas diferentes orientações e diferentes programas ou entre as discordâncias internas aos próprios paradigmas evidenciam possibilidades de construir pontes conceituais que integram as diferentes perspectivas e que desconstroem as fronteiras entre as diferentes orientações. Na realidade, esse dinamismo das correntes apresentadas mostra que os pressupostos teórico-metodológicos da AD podem, sim, produzir rupturas epistêmicas entre as perspectivas da Linguística. Todavia, essa postura é inaugural para que o estatuto científico seja evidenciado nas práticas de pesquisa dos programas e orientações, pois, as rupturas possuem dois sentidos entre as bases epistemológicas da linguística e certa concepção de ciência em sintonia com determinada noção de objetividade científica. Isso decorre do funcionamento de um aparelho formal capaz de dar conta de seu objeto de análise.

Os nossos pressupostos de estudos sobre Análise do Discurso estão situados nos desvios interdiscursivos. As economias discursivas são reconhecidas nos conjuntos textuais, a qual é especificamente analisada a partir do funcionamento de outras economias. É a partir do contato com a reflexão filosófica que se possibilita as diferentes respostas que foram e ainda podem ser construídas para a indagação fundamental sobre a natureza do fenômeno linguístico.

Com isso, concordamos com Verón, quando afirma que “a análise do discurso é, portanto, sempre e necessariamente, intertextual.” Entendemos que uma superfície discursiva

é constituída por uma rede de relações, onde estas relações são assumidas por marcas. Nesse sentido as marcas são expressas a partir das operacionalidades as quais os discursos estão atuando através de seus traços. A partir dessa perspectiva analítica, os traços são caracterizados nos textos através das marcas linguísticas, das marcas e pelas unidades significantes não homogêneas, a exemplo das marcas linguísticas e das marcas não linguísticas (imagem e texto). Para alcançarmos a dimensão do ideológico inerente a um discurso ou a um tipo de discurso, faz-se necessário considerar em quais condições o discurso ou seu tipo foram produzidos, bem como proceder à análise do poder deste discurso em relação aos seus “efeitos”. Esta dimensão é segundo Verón, o reconhecimento do discurso. Para o autor, deve-se compreender que, apesar da produção e do reconhecimento de um discurso ou de um dado conjunto discursivo serem problemáticas, simultaneamente, interligadas e distintas, o pesquisador não está autorizado a fazer inferências e deduções da(s) gramática(s) de reconhecimento tendo como suporte a gramática de produção. Isto nos mostra a dimensão dos deslocamentos presentes além da estrutura formal dos textos.

### **Considerações Finais**

A ciência linguística é inicialmente constituída por estudos sobre as manifestações da linguagem humana. Entre suas principais tarefas podemos inferir que cabe a linguística fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger; procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal; delimitar-se e definir-se a si próprio como espaço de postulações em torno da linguagem em uso. Como assinalamos, neste artigo, a ideologia se caracteriza mais pela composição dos discursos do que pelas formulações da linguagem. Ou seja, a ideologia representa mais uma função da relação de determinada elocução com o seu contexto social.

O sentido de uma palavra (ou expressão mais ou menos equivalente) se resolve na medida em que ela pode ser substituída por outra, no interior de certa formação discursiva. Assim, o sentido é um efeito da substituição das expressões, sendo que o conjunto delas produz um efeito de referência. Pêcheux expõe um procedimento cujo objetivo é permitir, analisando uma superfície discursiva, a descobrir vestígios do processo de produção do discurso. O (efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica. Há um caráter necessariamente histórico dos

sentidos. É apenas em uma relação parafrástica empiricamente constatada que um efeito de sentido se produz. Para a análise do discurso, a enunciação possui suas peculiaridades que devem ser analisadas como aspectos relevantes nos discursos.

Em diversas nomenclaturas e classificações (polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade), a ideia de interdiscurso é certamente uma das principais variáveis quando se trabalha com a análise do discurso. Uma das teses de Pêcheux é que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui sua dependência com relação ao ‘ todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas...”.

Nas formulações teóricas da análise do discurso não há falante, nem informante, nem locutor, muito menos emissor. Há sujeito (alternativamente, enunciador). Vê-se, portanto, mais um tipo de rompimento com os estudos pragmáticos. Neste aspecto, o sujeito não está livre em sua essência, caracterizado pela consciência (sem inconsciente e ideologia) e tomado na origem. Mas as possibilidades de especificação desse sujeito continuam em aberto.

Afinal, a língua é a estrutura que possibilita a fala. Pensemos que a ideia de funcionamento poderia estar associada ao mecanismo de uma dependência recíproca entre a língua e a fala enquanto possibilidade de unir o sujeito e a existência do signo. Nesse aspecto, podemos inferir que, por analogia, um fato da fala poder se tornar um fato da língua, pois a coletividade o acolheu. Isto insere as discussões a partir dos pressupostos do discurso e sua complexidade. Enfim, aparentemente, essa perspectiva é paradoxal. Contudo, revela a dimensão da língua como fato social. Ao questionar os caminhos em que a linguística está imersa, com suas incertezas, vários teóricos, a exemplo de Saussure, observavam nas correntes teóricas uma porta que se abre para a discussão de uma filosofia com contornos vinculados a apresentação e descrição das teorias da linguagem explicitadas pelos discursos acadêmicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1995.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BASÍLIO, R. Saussure: uma filosofia da linguística?. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. [www.revel.inf.br].

BORGES NETO, J. A questão da origem das línguas: Rousseau e Herder. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-IEL/Unicamp, nº24,1993, p. 91-103.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo, SP: Editora, Cultrix, 2004a.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

DASCAL, M. *Fundamentos Metodológicos da Linguística*. Vol. 1- Concepções Gerais da Teoria Linguística. São Paulo: Global, 1978.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.

FLORES, V. & TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Brás. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FURLAN, R. *Uma revisão/discussão sobre a filosofia da ciência*. Paidéia, FFCLRP - Universidade de São Paulo, 2003,12(24), p.125-138.

KUHN, T.S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1989.

\_\_\_\_\_. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

\_\_\_\_\_. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MUSSALIM, F. & BENTES, A C. (orgs.) *Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, E. *Análise de discurso-princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. IN: GUIMARÃES E. ORLANDI, E. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Pontes, 1999.



SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 22 Ed. São Paulo, SP: Editora, Cultrix, 2000.

STAROBINSKI, J. *As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

POPPER, K. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix, 1999.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.